

ELEIÇÕES

Atenção ao Nordeste, região dominada pelo PT

Na entrega de obras de transposição do Rio São Francisco, Bolsonaro afirma que está libertando povo “da escravidão do carro-pipa” e faz ajuste no discurso sobre corrupção

» CRISTIANE NOBERTO

Na busca pela reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL) tenta reverter a desvantagem eleitoral no Nordeste, onde o rival petista tem mais intenções de voto. Ao entregar obras de transposição do Rio São Francisco, em Itatuba (PB), o chefe do Executivo disse que estava libertando os moradores “da escravidão do carro-pipa”.

O empreendimento “Vertente Litorânea”, inaugurado, ontem, por Bolsonaro, faz parte do conjunto de ramificações para levar água às localidades da região e foi iniciado em 2007, ainda no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Apesar de a transposição do Rio São Francisco ter começado há mais de 10 anos, as obras continuaram durante as gestões dos ex-presidentes Dilma Rousseff (PT) e Michel Temer (MDB), que chegou a inaugurar o começo do Eixo Leste em 2017. Bolsonaro também entregou, em 2020, parte do funcionamento do Eixo Norte.

“Isso vai deixando de ser uma política que visava apenas ganhar eleitores. Cada vez mais, nós damos liberdade a todos vocês”, discursou o chefe do Executivo. Ele atacou as gestões anteriores, dizendo que o que foi roubado daria para fazer 67 transposições do rio. “Como se desviou no nosso país. (...) O nosso governo, em três anos e pouco, tem concedido muitas obras que não foram concluídas por má gestão ou desvio de recursos”, afirmou.

Alan Santos/PR



Bolsonaro em Itatuba (PB): “É uma satisfação muito grande retornar ao meu Nordeste”

Bolsonaro também disse ser “uma satisfação muito grande comparecer ao ‘meu Nordeste’”. “Dos meus 23 ministros, sete são nordestinos. Por exemplo, me acompanha aqui o paraibano Marcelo Queiroga (titular da Saúde)”, acrescentou.

Segundo as pesquisas de intenção de voto, o presidente acumula altos índices de rejeição na região. Na última pesquisa Datafolha, do mês passado, Lula era preferido por 55%

dos entrevistados, ante 20% que optavam por Bolsonaro.

Corrupção

No discurso na Paraíba, Bolsonaro fez um ajuste no discurso de que o governo não tem corrupção. Ele afirmou que não há “denúncias consistentes”.

“Nosso governo, até o momento, não tem apresentado desvio de recursos, não tem denúncias consistentes sobre corrupção. E

digamos mais: se aparecer, nós ajudaremos a identificar os possíveis culpados para que a Justiça decida o seu destino”, sustentou.

Nos últimos meses, surgiu uma série de denúncias que atinge o governo. Caso, por exemplo, do Ministério da Educação, em que pastores evangélicos integrariam uma espécie de gabinete paralelo na pasta, com cobrança de propina para a liberação de recursos a municípios. As suspeitas levaram à queda do então ministro Milton Ribeiro.

Representante da Ucrânia rebate Lula

» VICTOR CORREIA

O encarregado de negócios da Ucrânia no Brasil, Anatoliy Tkach, creditou à “falta de informações objetivas” as declarações do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) sobre a guerra no Leste Europeu. Em entrevista à *Time*, o petista disse que o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, tem tanta culpa quanto o chefe de Estado russo, Vladimir Putin, pela deflagração do conflito. Lula ressaltou que a Ucrânia poderia ter dito que não entraria na Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan) e “estaria resolvido o problema”.

Tkach foi enfático ao rebater o ex-presidente: “Temos 220 crianças mortas. Que relação isso tem com a Otan? Que culpa tem a Ucrânia? Porque é independente?”, questionou, ontem, em entrevista coletiva na embaixada. “A guerra continua já há oito anos com a ocupação ilegal da península da Crimeia. Naquele momento, ninguém falava sobre a Otan. Desde então, não recebemos nenhum sinal claro de aprovação, ou da instalação de bases militares”, acrescentou.

De acordo com Tkach, as declarações de Lula “não correspondem à situação atual, ao

Victor Correia/CB/DA Press



nível das relações estratégicas entre a Ucrânia e o Brasil”. Ele lembrou que a aproximação entre os dois países aumentou significativamente no governo do próprio petista, em 2009. Então presidente, Lula visitou a Ucrânia e estabeleceu relações bilaterais com a nação europeia.

Tkach também refutou falas do ex-presidente de que não houve negociações suficientes para buscar uma solução pacífica. “Antes

da guerra em grande escala, a Ucrânia adotou com seus parceiros uma diplomacia ativa. Foi criada uma coalizão antiga guerra com a participação de dezenas de países, que continuaram seus contatos e esforços com a Rússia para que a guerra não acontecesse”, frisou o encarregado de negócios.

Ele disse que tentou marcar uma reunião com Lula para esclarecer a situação, mas não obteve resposta do PT. “Essas declarações

Temos 220 crianças mortas. Que relação isso tem com a Otan? Que culpa tem a Ucrânia? Porque é independente?”

Anatoliy Tkach,
encarregado de negócios da Ucrânia no Brasil

não foram esperadas, mas nós consideramos que foram feitas por causa de falta de informações objetivas. O pré-candidato não tem todas as informações sobre os acontecimentos na Ucrânia”, destacou. Procurada pela reportagem, a assessoria de imprensa do partido afirmou que “nem a Presidência nem a Secretaria de Relações Internacionais do PT receberam solicitação oficial de contato com a Embaixada da Ucrânia”.

Apelo à união em programas petistas

» VINICIUS DORIA

Os três últimos programas da propaganda partidária do PT, previstos para ir ao ar nos dias 12, 14 e 17 de maio, já terão a assinatura do marqueteiro Sidônio Palmeira, que substituiu Augusto Fonseca, demitido depois das críticas que recebeu em relação aos primeiros programas exibidos pela legenda. O *Correio* apurou que Sidônio já está integrado à equipe de comunicação da sigla, comandada por Jilmar Tatto. Nos vídeos, que estão sendo

gravados, o PT vai destacar a mensagem de união em um país dividido por desavenças políticas. E apresentará uma nova estética, em que o vermelho que caracteriza o partido será menos usado para dar mais espaço ao verde, amarelo e azul, cores da bandeira brasileira. A legenda também adotará o slogan “Vamos juntos pelo Brasil”, que marcará o ato de lançamento das pré-candidaturas do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva e do ex-governador Geraldo Alckmin, amanhã, em São Paulo.

Apesar da troca de marqueteiros, o ex-presidente ainda não decidiu quem assumirá a coordenação da campanha, que vinha sendo exercida pelo ex-ministro Franklin Martins, também afastado depois da crise na comunicação petista que também provocou a demissão de Augusto Fonseca.

Três nomes estão na lista de apostas. O favorito do núcleo mais próximo do ex-presidente é o prefeito de Araraquara, Edinho Silva, que está na coordenação do programa de governo de Fernando Haddad, pré-candidato ao

governo paulista. Mas a assessoria dele na prefeitura informou, ontem, que “o prefeito Edinho não recebeu nenhum convite para a campanha presidencial”.

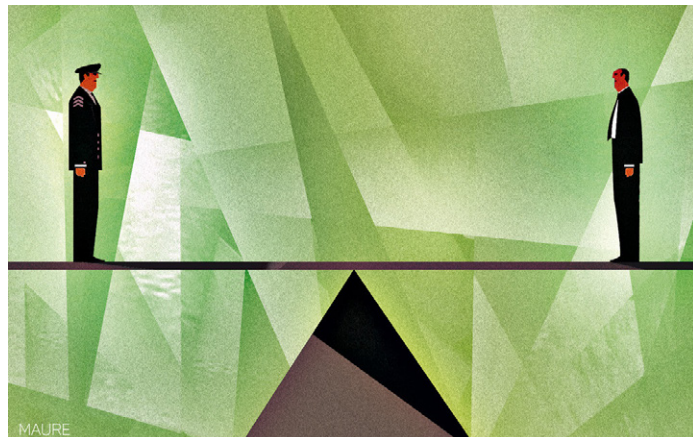
O ex-presidente do PT e deputado federal Rui Falcão também está cotado. Ele poderá, inclusive, dividir a coordenação da campanha com Edinho Silva, segundo fontes do partido. O terceiro nome é Jilmar Tatto, que também assegurou não ter recebido nenhum convite de Lula ou informação sobre quem será o sucessor de Franklin Martins.

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Os recados contra as eleições, inclusive do passado

O ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, encaminhou o ofício, ontem, ao presidente do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Edson Fachin, no qual solicita que as sugestões e os questionamentos das Forças Armadas sobre as eleições fossem divulgados publicamente. O objetivo seria dar “maior transparência e segurança ao processo eleitoral” e “estimular o debate entre a sociedade acerca do aperfeiçoamento” do sistema.

O gesto vai na linha dos questionamentos feitos pelo presidente Jair Bolsonaro e, de certa forma, corrobora as preocupações em relação ao envolvimento direto dos militares no seu projeto de permanência no poder. Pôr em dúvida a lisura do pleito abre caminho para a contestação de um resultado adverso. Não faltam aqueles que estão dispostos a não aceitar eventual derrota eleitoral de Bolsonaro, custe o que custar, ainda mais se o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva for vitorioso.

No ofício, o general Paulo Sérgio coloca as Forças Armadas no mesmo patamar de responsabilidade da Justiça Eleitoral em relação ao pleito, o que não é sua atribuição constitucional: “Com a finalidade de cumprir a obrigação legal e de conferir a maior transparência possível aos atos da gestão pública e em face da impossibilidade de ver concretizada a reunião solicitada por este ministro a Vossa Excelência, venho, por meio deste expediente, propor a esse tribunal que os documentos ostensivos relacionados à CTE (Comissão de Transparência do TSE) sejam amplamente divulgados, conjuntamente, pelo Ministério da Defesa e por essa Corte Eleitoral, haja vista o amplo interesse público no tema em questão”.

A divulgação do ofício ocorreu após a sessão plenária do TSE, na qual Fachin disse que “a Justiça Eleitoral não medirá esforços para realizar eleições limpas, transparentes, com paz e segurança e diplomar os eleitos”. Os questionamentos são cinco ofícios sigilosos assinados pelo general de divisão do Exército Heber Garcia Portella, que participa da Comissão de Transparência do TSE, quatro dos quais já foram respondidos e um aguarda manifestação da Corte. Indicado pelo então ministro da Defesa, Walter Braga Netto, hoje cotado para vice na chapa de Bolsonaro, o general Portella fez mais de 80 questionamentos ao processo eleitoral, que agora servem de argumento para Bolsonaro pedir uma descaída apuradora paralela dos votos pelo Exército.

Coincidentemente, ontem, a Agência Reuters revelou que o diretor da Agência Central de Inteligência (CIA) dos Estados Unidos, William Burns, teria comentado com autoridades do governo do brasileiro que Bolsonaro deveria deixar de questionar a integridade das eleições no país, durante reunião realizada no Palácio do Planalto, em 1º de julho do ano passado. O diretor da CIA é a mais alta autoridade do governo Joe Biden a visitar o Brasil e, de fato, esteve reunido com o ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, o general Augusto Heleno; o então diretor da Agência Brasileira de Inteligência (Abin), Alexandre Ramagem; e o general Braga Netto, que era o ministro da Defesa. O embaixador dos EUA na época, Todd Chapman, também participou. Heleno confirmou a reunião, mas negou o comentário.

Plano Cohen

O recado que vem do passado é o famoso Plano Cohen, documento forjado com a intenção de instaurar a ditadura do Estado Novo, em novembro de 1937. Com a aproximação das eleições presidenciais marcadas para 1938 e a impossibilidade de estender o seu mandato, o presidente Getúlio Vargas e o general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra, passaram a planejar um golpe de Estado. Para isso, era preciso inventar uma grande ameaça ao país, no caso, uma nova tentativa de tomada do poder pelos comunistas, embora o seu principal líder, Luís Carlos Prestes, estivesse preso desde 1935.

Mesmo assim, o fantasioso plano atribuído aos comunistas foi enviado pelo general Góis Monteiro, chefe do Estado-Maior do Exército, às principais autoridades militares do país e apresentado como se fosse apreendido pelas Forças Armadas. O Plano Cohen provocou uma comção nacional. Vargas aproveitou a falsa ameaça para pressionar o Congresso Nacional a decretar um estado de guerra, que lhe deu poderes para remover seus opositores. Em 10 de novembro de 1937, 40 dias após a divulgação do Plano Cohen, a ditadura do Estado Novo foi implantada no país.

Com a crise do Estado Novo, em 1945, o mesmo general Góis Monteiro passou a trabalhar para derrubar Vargas. Ele denunciou a fraude que ocorrera oito anos antes, afirmando que o Plano Cohen fora entregue ao Estado-Maior do Exército pelo capitão Olímpio Mourão Filho, à época, chefe do serviço secreto da Ação Integralista Brasileira. Mais tarde, em 31 de março de 1964, Mourão Filho liderou as tropas do Exército que desceram de Juiz de Fora para o Rio de Janeiro com o objetivo de destituir o presidente João Goulart. Em suas memórias, Mourão admitiu ser autor do Plano Cohen.

PÔR EM DÚVIDA A SEGURANÇA DAS ELEIÇÕES ABRE CAMINHO PARA A CONTESTAÇÃO DE UM RESULTADO ADVERSO. NÃO FALTAM AQUELES QUE ESTÃO DISPOSTOS A NÃO ACEITAR EVENTUAL DERROTA ELEITORAL DE BOLSONARO, CUSTE O QUE CUSTAR